

FÓRMULA REJEITADA

Ricardo Leopoldo
Da equipe do **Correio**

São Paulo — Mais arrocho e juros altos para controlar a inflação. O novo acordo do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI) ainda está sendo negociado e, por enquanto, foram anunciadas apenas suas linhas básicas. Mesmo assim, economistas de fora do governo já estão colocando em dúvida a capacidade do país de cumprir as novas metas.

Esses especialistas acham que o FMI está errado ao recomendar juros elevados para corrigir problemas estruturais da economia, como o aumento da inflação provocado pela desvalorização do real. "A crise diminuirá a receita da União, o que certamente comprometerá as metas fiscais do governo definidas com o FMI", observa o deputado Delfim Netto (PPB-SP), ex-ministro do Planejamento, que assinou sete cartas de intenções com o Fundo quando esteve no governo.

Delfim Netto critica o que chama de postura ortodoxa dos técnicos da instituição, chefiados pelo diretor-adjunto Stanley Fischer. Para ele, os juros de 39% ao ano estão tão elevados e não fazem mais efeito, ao contrário do que acredita o Fundo. "Uma pessoa com 1,70 metro de altura não precisa entrar numa piscina de 3,4 metros de profundidade para se afogar. Basta 1,71 metro de água", ironiza.

"Taxas em excesso", argumenta o ex-ministro, "não restauram credibilidade abalada. Em agosto, a Rússia ofereceu 100% ao ano, mas quem acreditou nela? A pouca confiança que restava dos investidores foi embora rapidinho. O que melhora as expectativas de quem investe é saber que o país cresce, tem balança comercial positiva e possui dólares para honrar seus compromissos externos".

Para Delfim, se o Fundo teimar em exigir juros mais altos, o Brasil não alcançará as metas fiscais. "Elas precisarão ser revistas e será inevitável assinar outras cartas de intenções", prevê.

Delfim destaca o caso da Coreia, que firmou em dois anos quatro acordos com o FMI. "No primeiro, o Fundo impôs metas fortíssimas para juros e para a área fiscal. Ao longo do tempo, ele viu que aquilo era impraticável e teve que ceder. Na quarta carta estava mais adaptado à realidade". Nesse documento, o FMI acabou aceitando a metade da taxa de juros que exigira na primeira carta de intenções.

INÚTIL

O economista Roberto Campos, ex-ministro da Fazenda, é aliado do FMI na defesa das privatizações, mas discorda do Fundo quanto aos juros altos. "Na pior das hipóteses, eles podem ficar nos atuais níveis, subir não. Taxas muito elevadas são inúteis até para ajudar o país a cumprir as metas de inflação, prevista para 0,8% ao mês em dezembro", afirma. "O país enfrentará uma recessão tão difícil, que não surgirão maiores pressões pelo aumento do nível de atividade", diz. "Então, elevar juros para quê?"

Pelo novo acordo com o FMI, o Brasil terá que aumentar o superávit primário (receitas maiores que as despesas, sem incluir gastos com juros) de R\$ 23,5 bilhões para um valor entre R\$ 27 bilhões e R\$ 31,5 bilhões. "Com crescimento

bem menor, o país sofrerá queda de arrecadação. É enganoso pensar que a inflação corrói só as despesas. A recessão trará problemas sérios às finanças das empresas e dos contribuintes", afirma o professor Francisco Eduardo Pires de Souza, diretor-adjunto do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Ele estima que com a queda do crescimento do país, a poupança interna, que gera investimentos, cairá de 19,3% para 17% do Produto Interno Bruto (PIB). "Esses 2,3% do PIB a menos de poupança, representam queda de R\$ 20,7 bilhões em investimentos", afirma. "Com essa baixa, fica impraticável cumprir o objetivo firmado com o FMI. É muito difícil elevar o superávit primário num país que investe bem menos que o necessário para conter a subida do desemprego".

DÍVIDA

Souza destaca que outro problema causado pela elevação dos juros é o aumento da dívida pública federal que em novembro estava em R\$ 323 bilhões. De acordo com seus cálculos, se o governo reduzir a taxa em um ponto percentual por ano, representa diminuição de R\$ 2 bilhões nos gastos da União.

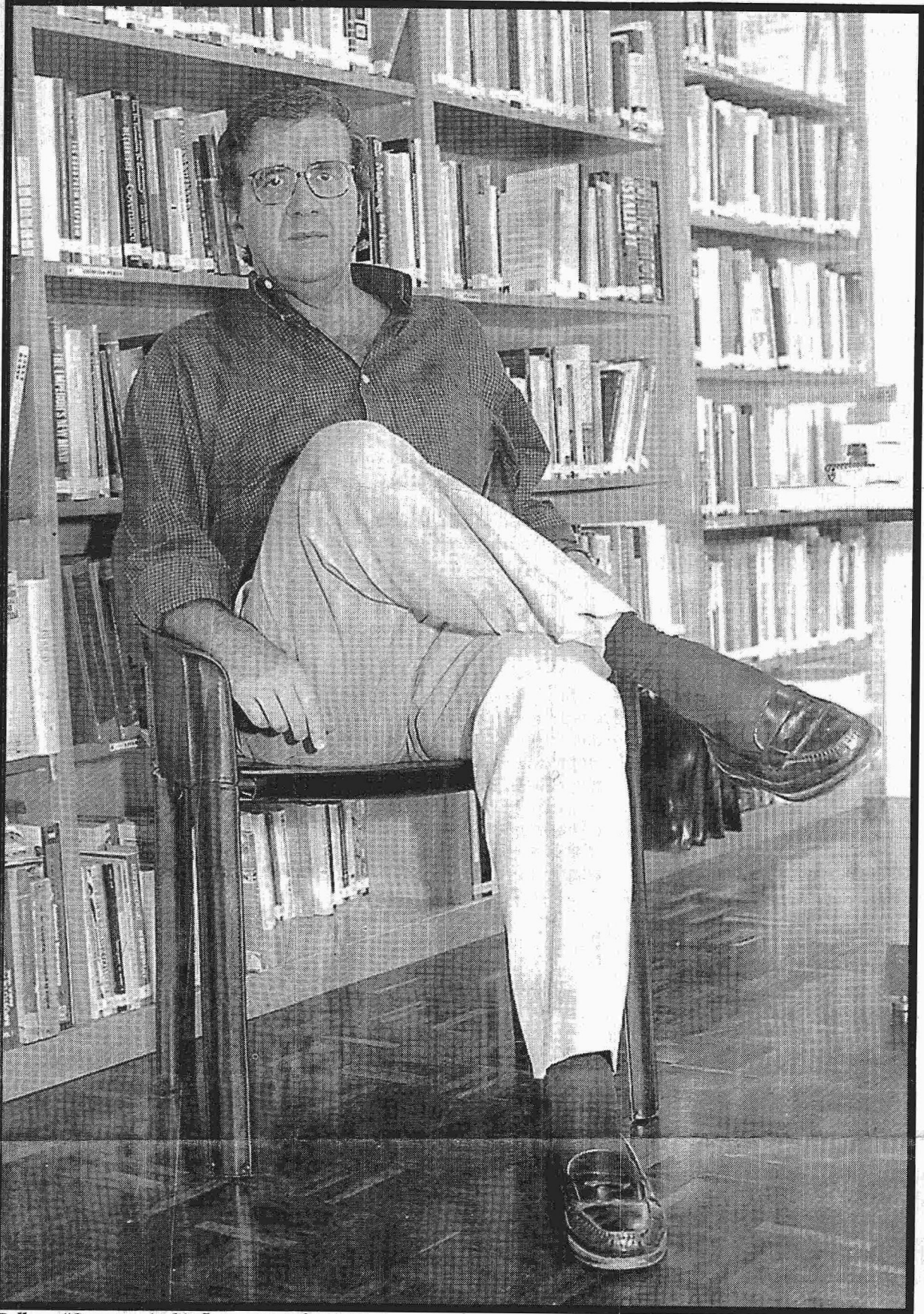
Na opinião de Luiz Gonzaga Belluzo, professor da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), o FMI pede juros mais altos para tentar restaurar a credibilidade a qualquer custo e não quer admitir que também foi responsável pelo agravamento da crise cambial brasileira nos últimos dois meses. "O Fundo cometeu dois erros graves que aprofundaram nossos problemas", afirma. O primeiro ocorreu no acordo de dezembro, quando a instituição preferia uma forte desvalorização da moeda. Contudo, acabou aceitando a imposição do ex-presidente do Banco Central, Gustavo Franco, que não permitiu uma elevação do câmbio superior a 7,5% para 1999.

O segundo equívoco do Fundo, segundo Belluzo, ocorreu em meados de janeiro, quando o ministro da Fazenda, Pedro Malan, foi a Washington explicar porque o Brasil desvalorizou o real no dia 13 sem consultar o FMI. Para conter a fuga de reservas, na época em US\$ 36 bilhões, o governo estava interessado na antecipação de US\$ 9 bilhões do pacote de ajuda de US\$ 41,5 bilhões, prevista para ser liberada apenas no início de março.

"O Fundo não só negou o auxílio fundamental, como pediu num domingo que os juros subissem. Foi ele quem gritou fogo e alertou ainda mais o mercado sobre as sérias dificuldades do país", afirma. "Com um câmbio flutuante em fase inicial, que traz incertezas, a ação do FMI colaborou para a insegurança de muitos investidores. Eles se defenderam ao comprar dólares. Isso ajudou a aumentar ainda mais a desvalorização do real", conclui.

O ex-presidente do Banco Central, Francisco Gros, também é contra juros muito elevados, mas acredita que eles poderão ser necessários no curto prazo. "A inflação mensal poderá chegar a 2,5% em fevereiro e março, níveis que têm chances de superar os juros. Se isso for confirmado, o uso pontual dos juros será importante para conter a fuga para o consumo, o que alimentaria ainda mais a inflação", observa.

Marcos Fernandes 14-11-97



Belluzo: "Com um câmbio flutuante em fase inicial, a ação do FMI colaborou para a insegurança de muitos investidores"